

rou distração num bilhar. E inquirido por alguns correligionários quanto aos resultados da entrevista, deu primorosa tacada e falou que o professor João Augusto Chaves não passava de um louco.



O cartaz

— Decididamente, o senhor não serve para o trabalho comercial. Desatende os que nos procuram. Foge aos horários. Discute sem razão. Perde tempo. E lança discórdia em casa... — era Frederico Fígner, abnegado espírita e grande comerciante, que falava a empavonado rapaz à porta de conhecido cinema do Rio.

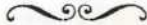
— Mas, Sr. Fígner — anotava o moço —, não é possível! Fui expulso de sua firma sem mais nem menos...

— Expulso, não — explicou o negociante, paternalmente —, o senhor foi convidado a seguir sua vocação e está pago pelos serviços que nos prestou, de conformidade com todos os seus direitos.

— Mas eu sou espírita — lamentou-se o ex-empregado.

Fígner fitou o grande edifício junto ao qual conversavam, e disse:

— Meu amigo, o rótulo é quase nada. Repare este majestoso prédio. Desde a primeira pedra na base até a última no alto, tudo é harmonia e disciplina. Mas note o cartaz à porta do cinema. A presença dele aqui não altera coisa alguma.



Calvário maternal

I

Quando Maria Quitéria, viúva e doente, chegou à casa do Dr. Lauro de Melo, tinha o corpo mais morto que vivo.

O médico e a senhora, amigos de longo tempo, receberam-na entediados.

Trazia Quitéria o semblante deformado.

Perdera um dos olhos e o outro se mostrava esbugalhado, a verter uma lágrima que não chegava a cair.

O rosto, queimado meses antes por grande porção de vitríolo, impunha-lhe dolorosa feição. Parecia muito mais um monstro em corpo de mulher.

— Estou quase cega — dizia, humilhada —, e, além disso, com o acidente sou hoje inútil. Espantam-se todos. Leio anúncios, pedindo serviços. Compareço. Entretanto, quando me vêm, desanimam... Tento a lavanderia; contudo, dizem que trago moléstia contagiosa.